



A UNIDADE DOS CRISTÃOS E SUA DIMENSÃO MISSIONÁRIA

1. A unidade dos cristãos no mundo de hoje

- a) a procura da unidade nos vários sectores da vida contemporânea e o estado simultâneo de divisão do mundo
- b) a lei de tensão entre a divisão e a unidade
- c) o fenómeno da unidade dos cristãos encarado como reflexo da situação do mundo
- d) o fenómeno da unidade dos cristãos, aspecto do Mistério da Igreja
- e) identificação de "unidade" e "missão" na perspectiva escatológica da Igreja

2. A génese das divisões como rotura do equilíbrio Unidade-Missão

- a) a Missão como um dado permanente da Igreja
- b) cada nova situação da Igreja-em-Missão, oportunidade latente de divisão
- c) essência do equilíbrio Unidade-Missão
- d) exemplos da relação Unidade-Missão nas roturas mais importantes com a Igreja de Roma
- e) interdependência da Unidade e Missão no movimento contemporâneo pela "unidade dos cristãos"

3. O facto ecuménico nas comunhões nascidas da Reforma e a sua dependência histórica da Missão

- a) a preocupação ecuménica nascida nas Igrejas em Missão no séc. XIX
- b) os órgãos internacionais do "Movimento Ecuménico"
- c) processo de encontro entre o estudo doutrinário da Unidade realizado nas "velhas Igrejas" e os problemas práticos postos pelas "novas Igrejas"
- d) papel desempenhado pela Igreja da Índia do Sul e pela Conferência Regional de Prapat
- e) a integração, em 1961, do Conselho Internacional das Missões no Conselho Ecuménico das Igrejas

4. Relação do facto ecuménico e da Missão na Igreja Católica

- a) a atitude da Igreja Católica perante as primeiras realizações do "Movimento Ecuménico"
- b) factores internos e externos que explicam a evolução do pensamento católico sobre o "Movimento Ecuménico"
- c) significado da Instrução do Santo Ofício "Ecclesia Catholica"

d) a Constituição Apostólica "Humanae Salutis"

e) o Concílio Vaticano II

5. Dificuldades do diálogo ecumênico na perspectiva da Missão da Igreja

a) comparação do conceito de Unidade nas Igrejas Protestantes e na Igreja Católica

b) o problema posto pela expansão missionária das Igrejas Protestantes

c) o ecumenismo como dimensão necessária da vida da Igreja

6. Exigências postas pelo movimento da Unidade dos Cristãos à Igreja Católica na sua dimensão missionária

a) revelação da unidade dogmática da Igreja

b) aprofundamento do Mistério da Igreja na sua totalidade

c) abertura espiritual às necessidades reais das diferentes partes do mundo

d) responsabilidade na Missão em base verdadeiramente mundial

e) compreensão para com o Movimento Ecumênico

f) exigência da manifestação da Igreja na ordem própria da Verdade evangélica

Fundação Cuidar o Futuro



Fundação Cuidar o Futuro

H. S. Lewis
R. S. Phelps

140-1-0
61665



A UNIDADE DOS CRISTÃOS E A SUA DIMENSÃO MISSIONÁRIA

1. A unidade dos cristãos num mundo simultaneamente dividido e aspirando à unidade

a) A unidade no mundo contemporâneo

Quem entra hoje em Berlim sente que penetra num mundo duma tensão irrespirável. A tragédia duma cidade feita para ser uma e dividida em duas, quiseram os russos acrescentar o facto, aparentemente insignificante, de um muro de separação. Ao longo de muitos quilómetros, separando o sector oriental e ocidental de Berlim, ergue-se a estranha muralha. À volta, o silêncio, o medo. O muro de Berlim não muda substancialmente a divisão já existente mas torna-a visível, concreta e, por isso, intolerável. Vê-lo, torna a divisão mais absurda e o anseio pela unidade mais premente. A reacção dos berlinenses, partilhada aliás por todos os alemães, feita da consciência aguda duma tragédia irreparável, comove-nos e admira-nos ao mesmo tempo. Porquê tal importância dada ao facto? As palavras do Bispo protestante alemão Dibelius esclareceram-me o significado de tal atitude. O muro de Berlim não é só a divisão entre o sector oriental e ocidental de uma cidade - o muro de Berlim é como que a cristalização palpável, aos nossos olhos, das divisões latentes ou estabelecidas entre os homens e dentro do homem.

O muro de Berlim é o símbolo das divisões que rasgam o mundo - ele separa invisivelmente os povos, as classes sociais, as gerações, confinando-os nos limites a que os conflitos os vincularam.

O muro de Berlim está dentro de cada um de nós - cidade dividida, em constante contradição, na tensão gerada pela dialéctica em que se exprime o nosso devir pessoal. Mas, porque tão visível, a divisão escandaliza, incomoda. É que no fundo o homem é feito para a unidade e procura a unidade. Ainda os mais loucos desvarios dos homens do nosso tempo podem ser explicados por essa procura - o desejo de encontrar uma ideia, um valor que unifique, que integre, que dê sentido à totalidade da vida.

Se pudéssemos estudar alguns dos aspectos da vida colectiva dos homens no contexto do seu desenvolvimento histórico, veríamos como a procura da unidade é um dado constante que se vai progressivamente tornando mais claro. São já em si mesmos espantosos alguns dos factos correntes dos nossos dias: a unidade económica que se constroi, para além dos imediatos interesses de cada grupo; a unidade política, ditada, sem dúvida, por razões de defesa, mas nem por isso menos real enquanto procura de unidade; a interpenetração cultural resultante da aprendizagem dos mesmos conhecimentos e das mesmas técnicas; o paralelismo sociológico de certos fenómenos

ocorridos, embora, nas condições mais diferentes; a unidade afectiva que circunstâncias, experiências, aspirações comuns criam entre os homens. Esta tendência não é apenas implícita mas resulta da convicção tornada consciente da unidade básica existente entre os homens.

Como se dizia habitualmente nos grandes órgãos da vida internacional : "There is only one man and his name is all men" - há só um homem e o seu nome é todos os homens !

Há assim como que uma lei inscrita no coração dos homens que os leva a procurarem-se, a conhecerem-se, a amarem-se. Ciência e técnica, economia e política, não teriam outro sentido senão o de tornar esse encontro, essa comunhão, possíveis. Cada nova condição do mundo contém em si simultaneamente e germen de maior divisão e um apelo a uma unidade consciente e procurada. A unidade processa-se assim no mundo segundo uma lei de constante tensão - em cada novo passo, em cada nova situação, o espectro do muro de Berlim. Mas, no próprio muro, está a força dinâmica mais existencial para a unidade.

b) O fenómeno da unidade dos cristãos

É neste mundo dividido e ansiando pela unidade que vem a processar-se a unidade dos cristãos. Do ponto de vista sociológico e cultural pode dizer-se que o movimento para a unidade dos cristãos exprime assim a fisionomia do mundo contemporâneo.

Mas seria ignorar completamente o sentido da presença da Igreja no mundo pretender tornar o movimento pela unidade dos cristãos um simples epifenómeno da aspiração à unidade que em outros sectores se manifesta e que as condições do mundo moderno tornaram possível.

Mergulhada no mundo e em permanente diálogo com ele - a Igreja não atravessa indiferente as situações que o mundo cria. O diálogo supõe troca e abertura. Mas ao mesmo tempo a Igreja não pertence de facto ao mundo. Ela é parte do reino invisível que transcende o tempo e a história, Ela é o templo onde o Senhor gosta de morar, Ela é a Esposa do Cordeiro, Ela é o povo escolhido, Ela é o Corpo de Cristo. Quer dizer, a vida da Igreja no mundo, a sua própria evolução interna, não podem ser ditadas pelo mundo - é o Mistério de Cristo presente no tempo, através do Espírito Santo que sustenta e vivifica a Igreja.

O movimento pela unidade dos cristãos está assim longe de ser um fenómeno isolado para ser tomado com excessivo entusiasmo por uns (a euforia ecuménica, como há pouco lhe chamava o Jornal da "Pax Romana") e com completa indiferença por outros. Ele é parte do Mistério da Igreja no mundo - ou, noutros termos, ele é expressão do Plano Redentor de Deus sobre o mundo em acção neste momento da história, através das circunstâncias e dos homens deste tempo.

É aqui, e anteriormente a qualquer consideração de ordem factual, que se situa a perspecti-



va de fundo do tema que me cabe desenvolver. O Plano Redentor de Deus define a missão da Igreja, vincula-a, neste tempo que vai da Ascensão à Parusia, à evangelização dos povos e das gentes. A unidade dos cristãos é a um tempo realidade plena contida no Plano Redentor e facto a trazer pelo desenrolar desse Plano no tempo.

Neste sentido unidade e missão identificam-se na mesma perspectiva escatológica - ambas urgem a união final de todos os homens no louvor de Cristo glorioso.

Porque a unidade e a missão se interpenetram e mutuamente se condicionam, evitarei durante esta exposição um estudo meramente doutrinário. A unidade como a missão não estão definidas completamente uma vez por todas. A reflexão sobre a unidade dos cristãos tem de ser a cada momento enriquecida pelo confronto das confissões cristãs entre si. A missão tem de ser constantemente repensada segundo o confronto entre o Evangelho e as novas condições que o mundo põe. Por seu turno, ambas mutuamente em certa medida se determinam. O livro magistral do P. Guillou, "Mission et Unité", ilustra o que acabo de dizer. Em vez de partir de uma enunciação de princípios, tão cara à nossa mentalidade racionalista de latinos, o P. Guillou analisa o fenómeno da divisão e sua relação com a missão através do condicionalismo histórico. A reflexão doutrinária, assim alicerçada na experiência factual, apresenta-se necessariamente mais perto da realidade

Fundação Cuidar o Futuro

2. A génese das divisões como rotura do equilíbrio Unidade-Missão

A primeira relação que vamos estabelecer é por assim dizer de forma negativa, pois mostra a conexão existente entre a missão e os problemas que lhe são próprios e o facto concreto das divisões ou cismas.

Referi, de início, que cada nova situação no mundo implica para os homens um potencial novo de divisão. Ora uma afirmação correspondente pode ser feita quanto à Igreja, afirmação que a história da Igreja confirma : cada nova situação no mundo que a Igreja tem de enfrentar contém em si uma possibilidade de divisão. Verifica-se assim que as grandes divisões da história da Igreja surgiram sempre ao nível dos problemas postos pela missão da Igreja, isto é, no confronto da Igreja com os dados culturais e sociológicos da realidade que a Igreja pretende evangelizar.

Note-se que entendo a missão como um dado permanente da Igreja, não no sentido de uma actividade exterior mas no sentido da sua própria realidade íntima.

A Igreja está continuamente em estado de missão até ao fim dos tempos. Tal estado de missão não se limita apenas a uma dimensão geográfica, mas visa todos os estratos e "mundos"



que se criam no campo cultural, sociológico, etc. As civilizações a evangelizar não são apenas civilizações ligadas a um estado ou a uma região do globo, mas transcendem a geografia unindo povos diferentes e dando-lhes uma fisionomia comum.

S. Paulo é o protagonista do primeiro grande conflito da história da Igreja que, providencialmente, não terminou em cisma, mas ficou a ilustrar o perigo de divisão inerente às condições concretas em que se exprime a missão da Igreja. Conforme nos conta o cap. XV dos Actos, S. Paulo possuía ideias completamente diferentes das da Igreja de Jerusalém quanto aos preceitos a exigir dos gentios que se convertiam. O seu contacto íntimo com o mundo exterior aos judeus - diferente do único conhecido de Pedro, Tiago e João - dera-lhe um entendimento mais profundo da cultura desse mundo e da forma como o Evangelho aí devia ser pregado e vivido. A consciência dramática do que seria uma rotura das Igrejas por ele fundadas da Igreja de Jerusalém, leva-o a discutir longamente a questão com os Apóstolos, a procurar ouvir a opinião de Pedro e finalmente a submeter-se a ela incondicionalmente. Está assim basicamente garantida a possibilidade de assimilação de novas culturas pelo Cristianismo, cimentada a unidade pelo critério da comunhão com Pedro e o colégio apostólico. Está resolvido na sua essência o problema do equilíbrio Unidade-Missão.

A separação do mundo semita cristianizado (Egipto, Arábia, Síria, Mesopotâmia, Palestina) nos séculos V-VI parece ter, como motivo fundamental, para além duma oposição ao Concílio dos imperadores bizantinos, uma oposição muito viva à teologia dos gregos que os semitas não podiam aceitar. Duas culturas completamente diferentes, dois esquemas de pensamento com exigências diversas, obrigavam a Igreja a concentrar a sua atenção na que requeria maior cuidado. Daí surgem definições estranhas ao pensamento semita que conduzem à rotura.

A separação do mundo grego e do mundo latino segue a mesma linha : a Igreja desenvolve-se segundo duas tradições diferentes, função do contexto social e cultural, do contexto histórico em que a missão se realizou, quer dizer, em que a Igreja aí tomou corpo; em certo momento, a Igreja identifica-se com uma dessas tradições; a comunhão não é suficientemente forte; segue-se a rotura.

Pode dizer-se assim que, na separação das Igrejas orientais, todas as questões que se levantam dizem respeito ao Mistério da Igreja no seu dinamismo de expansão missionária, na sua re-encarnação progressiva em condições históricas e sociais bem concretas. Nessa expansão, revela-se a necessidade de clarificar um ou outro aspecto do Mistério de Cristo. Mas a ausência de diálogo e de abertura conduzem a uma situação em que as Igrejas locais recusam o controle das exigências missionárias particulares pela vocação missionária total da Igreja - e rompem a comunhão.



A rotura protestante é mais complexa e nasce do confronto de dois mundos coexistentes no mesmo espaço geográfico. É em certa medida a dialéctica racionalista em que se perdera toda a grandeza religiosa e missionária da Idade Média que contribui para a reacção de Lutero de encontrar na Bíblia, independentemente da comunhão do todo, a fonte da vida cristã.

Todas as divisões da história da Igreja têm como ponto de partida o próprio Mistério da Igreja no seu diálogo com o mundo, no confronto com novas formas de pensamento e estruturas de civilização, no desenvolvimento do seu próprio conteúdo teológico em função das realidades culturais em que está envolvida, numa palavra, no processus do seu crescimento missionário. É cedo para referirmos com exactidão histórica a rotura da Igreja da China.

Esta interdependência de unidade e missão vai tão longe que afecta o próprio movimento pela unidade dos cristãos. Explico melhor : cada confissão cristã, após a separação, continuou a evoluir de acordo com a totalidade do seu ser e portanto em grande parte em função da missão. Assim os cristãos divididos estão separados não só por divergências iniciais, cristalizadas num ponto da história, mas pela acumulação sucessiva de tomadas de posição postuladas pela rotura e pelas condições históricas concretas que se lhe seguiram. Assim duas interrogações paralelas devem pôr-se : Como se desenvolverá a unidade dos cristãos ? Como se processará o crescimento missionário na comunhão do todo ?

A situação original desta época da história da Igreja está neste facto singular : a resposta a uma pergunta implica uma resposta à outra e, o que é mais, as duas respostas estão intimamente ligadas.

A resposta da Igreja às exigências da sua própria missão não pode ser dada isoladamente, na interioridade da Igreja Católica. Porque a Igreja Católica não está sòzinha a anunciar aos novos mundos o Evangelho de Jesus Cristo. Importa ver como se confrontam as várias confissões cristãs e como, em conjunto, enfrentam o mundo.

Neste confronto com as outras confissões perante a evangelização do mundo, a Igreja Católica não pode de forma especial subestimar as Igrejas Protestantes nem o fenómeno novo que o desenvolvimento dessas Igrejas traz à história do Cristianismo, o movimento ecuménico.

É ao facto ecuménico, nas comunhões nascidas da Reforma, que vou fazer uma mais longa referência, por me parecer ser esse facto chave no problema da unidade dos cristãos e na sua relação com a missão.

3. O facto ecuménico nas comunhões nascidas da Reforma e a sua dependência histórica da Missão

Até ao século XIX houve algumas iniciativas esporádicas de vida missionária nas Igrejas Pro-



testantes, mas não é senão no princípio desse século que se desenvolve uma acção missionária inteneíssima. A pluralidade das igrejas cedo faz nascer a necessidade de um trabalho comum e já em 1806 fora proposta a realização de uma conferência de todas as confissões cristãs destinada a permitir a união de esforços em ordem à evangelização do mundo.

Esta preocupação do ecuménico por causa da missão torna-se o leit-motiv de todo o século XIX até dar fruto um século mais tarde na Conferência Internacional das Missões, em 1910, em Edimburgo.

A Conferência de Edimburgo foi a tomada de consciência no mundo protestante da situação de fracasso do Cristianismo perante o mundo por causa da incapacidade prática em que se encontravam os cristãos divididos de constituir uma força unida para trabalhar na grande obra da Redenção do mundo.

Desta Conferência nasceu o Conselho Internacional das Missões, cuja importância no Movimento Ecuménico seria decisiva. Notemos que as Missões protestantes eram da responsabilidade de grupos isolados e não das igrejas enquanto tais. A universalidade da Igreja, evidente na Igreja Católica e a partir da qual todo o esforço missionário católico se pode entender, não foi no mundo protestante o ponto de partida, mas sim o ponto de chegada.

É o desenvolvimento da missão e os problemas concretos que a missão encontra que determinam a abertura a uma dimensão universal que a pouco e pouco penetra as velhas Igrejas. O Movimento Ecuménico vem assim das novas cristandades como o grande contributo por elas dado ao facto cristão no mundo. Ainda que outros frutos não houvesse, este era suficiente para levar as Igrejas Protestantes a uma revalorização da missão e, por ela, do próprio Mistério da Igreja.

Simultaneamente nascem dois outros órgãos de carácter internacional e reunindo várias confissões cristãs : "Vida e Acção", com o objectivo de reunir os cristãos em tarefas comuns que os obriguem praticamente a ultrapassar as divisões sem compromisso da fé que professam; "Fé e Constituição", destinado a estudar e a confrontar os obstáculos à unidade entre as várias confissões.

A importância destes dois órgãos é capital na evolução da unidade dos cristãos. Em breve se tornam os pilares do Conselho Ecuménico das Igrejas cujo objectivo fundamental é a descoberta do conteúdo do testemunho comum que as Igrejas podem dar de Cristo e a realização das iniciativas que devem tomar para em comum poderem dar esse testemunho ao mundo. Quer dizer, paralelamente desenvolvem-se duas linhas - uma de especulação teológica em que se vão progressivamente esclarecendo posições e encontrando plataformas de reconciliação e outra de planeamento e controle da acção comum em que as posições doutrinaárias surgem mais complexas



mas também infinitamente menos rígidas. Não é demais acentuar o valor destes dois aspectos e da interdependência estreita que a sua presença no seio do Conselho Ecuménico das Igrejas permitiu. O caminho seguido no seio das confissões protestantes não ficou um facto isolado. É hoje o caminho possível do encontro entre a Igreja Católica e as outras confissões.

Um encontro prático, quotidiano, sem confronto de posições doutrinárias, como existiu durante décadas na Alemanha ou na Holanda, não fez senão criar tensões e conduzir a uma angustiante sensação de impossibilidade perante o intocável das posições teológicas em causa. Um confronto meramente doutrinário, na amplificação de posições a que qualquer análise obriga, não fez senão criar uma atitude polemica e intolerante.

A unidade de hoje requer a um tempo os dois caminhos, não concebidos isoladamente mas em estreita ligação, um suscitando o outro, corrigindo, procurando, inovando...

O Movimento Ecuménico passa assim a desenvolver-se em dois planos : o plano do movimento ecuménico enquanto tal, primariamente preocupado com o conteúdo e significado da unidade da Igreja, localizado nas velhas Igrejas; o plano da missão, que põe o problema da missão da Igreja ou, melhor, da ligação entre missão e Igreja, obrigando ao desenvolvimento de outro aspecto da Eclesiologia. Necessariamente estes dois planos destinam-se ao encontro.

As etapas sucessivas desse encontro vão-se escalonando ao longo dos últimos quinze anos por participação em reuniões comuns, por uma confiança cada vez maior dada às novas Igrejas na resolução dos problemas das Igrejas à escala mundial.

Uma expressão célebre, da Assembleia de Evanston, 1954, indica o rumo que orienta esse encontro : "Os movimentos ecuménico e missionário do nosso tempo têm o seu ponto de encontro na convicção de que é a totalidade da Igreja que é chamada a anunciar a totalidade do Evangelho à totalidade do mundo".

Na evolução desse encontro dois factos tiveram importância fundamental. Um foi a fusão em 1947 das Igrejas anglicanas de quatro dioceses da Índia, Birmânia e Ceilão com Igrejas metodistas, presbiterianas e congregacionalistas, na base de uma estrutura episcopal de tipo anglicano, com permanência e validade dos poderes conferidos aos ministros no interior das Igrejas respectivas. Formou-se assim a Igreja da Índia do Sul, "exigida" praticamente pelas condições de evangelização de uma vasta zona a braços com problemas concretos e inteiramente novos.

A nova Igreja apareceu aos protestantes como uma experiência piloto e provocou nas velhas Igrejas um desejo de confronto mais assíduo. As barreiras entre Igrejas foram assim fortemente abaladas pela missão.

O segundo facto é a realização em 1957 duma conferência regional para o Sudeste Asiático em



Prapat, na ilha de Sumatra, na Indonésia. Esta conferência exprime e encoraja a tomada de consciência pelas Igrejas em missão nesse zona de toda a região e leva a pôr em comum todos os recursos disponíveis, materiais e humanos, para fazer face à situação missionária e responder à evolução social em curso. (Sugere-se, por exemplo, um seminário teológico comum para toda a Ásia).

Desta conferência nasceu um órgão regional responsável pela coordenação de toda a acção das Igrejas na Ásia. Cada uma dessas Igrejas, por mais jovem que seja, é assim tomada pela dimensão universal da Igreja à qual tem de dar a sua resposta em plena responsabilidade.

O órgão regional da Ásia torna-se um órgão de evangelização da Igreja Universal, testemunho da universalidade, da comunhão, da unidade.

Não parece longe o dia em que serão criados órgãos idênticos para a África e América do Sul. Os dois factos que acabo de assinalar em pormenor aceleraram o processo de encontro do Conselho Ecuménico das Igrejas e do Conselho Internacional das Missões.

Em Dezembro de 1957, o Conselho Internacional das Missões reunia-se em Accra para estudar a integração dos dois Conselhos. As dificuldades levantadas fizeram adiar a resolução até ao ano passado em Nova Delhi. Aí teve lugar o que a história considerará certamente um dos marcos decisivos do Movimento Ecuménico - a integração dos dois Conselhos.

Essencialmente podemos atribuir a este facto um significado com um conteúdo particularmente rico no mundo protestante sobretudo :

- 1) uma dimensão espiritual de oração e de sentido missionário a uma escala até agora desconhecida
- 2) uma concentração e melhor distribuição dos esforços missionários
- 3) um confronto das Igrejas no plano da Fé e constituição como etapa ao serviço do projecto missionário
- 4) uma abertura de todas as Igrejas participando na missão e que conduzirá, pelo exame das questões dogmáticas e institucionais, a uma melhor tomada de consciência do que é a Igreja.

4. Relação do facto ecuménico e da Missão na Igreja Católica

Os primeiros passos do Movimento Ecuménico foram encarados pela Igreja Católica com reserva e desconfiança. Aos convites sucessivos para participar nas grande Assembleias do Conselho Ecuménico das Igrejas, a Igreja Católica respondia pela afirmação da plenitude da Verdade nela contida.



Quer tal facto dizer que à Igreja Católica a unidade não interessava ? Pelo contrário, no seio da Igreja Católica começava paralelamente a manifestar-se um movimento pela unidade, fundado numa espiritualidade própria e associando muitos católicos generosos.

Mas um facto fundamental, de ordem doutrinária, retardava paradoxalmente o ritmo do desenvolvimento do movimento pela unidade. Para a Igreja Católica a unidade que a define essencialmente é já de si um bem adquirido; compreende-se assim que, para muitos católicos, certos da unidade que caracteriza a Igreja para além de todas as divisões, a unidade dos cristãos tal como o Movimento Ecuménico perseverantemente a procurava tivesse a importância secundária de algo acessório.

A segurança da unidade essencial da Igreja Católica levava ainda a formular o problema da unidade dos cristãos em termos de regresso, "conversão" dos não-católicos (intenções da Semana da Unidade). A Igreja Católica permanecia nas suas posições - o caminho a percorrer não lhe dizia respeito mas sim às outras confissões; por isso quaisquer iniciativas de encontro eram limitadas por várias e fortes restrições.

É difícil traçar a evolução do pensamento católico a este respeito, de tal modo ele se encontra na encruzilhada de correntes e influências diversas, pertencentes a outros aspectos da vida da Igreja. A renovação bíblica, levando à redescoberta da própria noção de Igreja, o movimento litúrgico, permitindo viver a acção sagrada na pureza dos seus valores e realidades essenciais, o desenvolvimento do apostolado leigo, trazendo consigo situações de confronto em que uma atitude verdadeiramente evangélica se impunha - eis alguns dos factores que informaram a evolução do pensamento católico sobre a unidade.

Decisiva, porém, foi para a Igreja Católica a tomada de consciência, a que as circunstâncias a obrigaram, da sua situação no mundo. O curso da história nos últimos vinte anos desenvolve-se a um ritmo e cria condições que alteram por completo a fisionomia do mundo e o significado de muitos valores, instituições, métodos. O mundo novo põe problemas novos e vitais à missão da Igreja. Citarei apenas alguns aspectos :

- 1) em menos de vinte anos dois continentes entram na cena política mundial na plena consciência dos valores que lhes são próprios e, pode dizer-se, na exaltação frequente desses mesmos valores; a rejeição de outras culturas e em particular da cultura ocidental afecta a forma como recebem a Igreja Católica que é assim obrigada a repensar a missão e, pela missão, a sua própria realidade, separando, em plena lucidez, o essencial do accidental; os problemas que lhe são postos coincidem, nas suas linhas gerais, com os problemas postos à missão das Igrejas Protestantes

- 2) entretanto o comunismo avança pelo mundo ganhando, senão o coração dos homens, ao menos



as suas instituições e estruturas (na Alemanha Oriental, por exemplo, a situação de inserção numa sociedade comunista leva a uma unidade de acção, afectiva, entre a Igreja Católica e as Igrejas Protestantes).

3) o progresso do nosso tempo cria uma sociedade dominada pelo trabalho, mergulhada na produção técnica e num esquema exclusivamente técnico de pensamento e de vida. Aplica-se aqui a tensão de que falou o P. Couturier. Para muitos, a solução ainda estaria num retorno à harmonia da sociedade medieval...

Porque não se trata de um problema unicamente seu, a Igreja Católica estuda-o em conjunto com as Igrejas Protestantes - encontro da FUACE e "Pax Romana" sobre os problemas postos à Fé pela técnica dos nossos dias (1961).

Perante a complexidade de todas estas situações, a Igreja é levada a reconsiderar as condições da missão e é praticamente impelida ao encontro com as Igrejas Protestantes.

Esse encontro realizou-se de início, isto é, durante e após a segunda guerra mundial, na "periferia", quer dizer, com carácter não formal e envolvendo indivíduos cuja posição não compromete a Igreja. Trata-se de grupos de diplomados, para estudo de problemas comuns no meio científico ou universitário, de conversações sobre temas bíblicos por exegetas de renome, de reuniões de teólogos mais preocupados em descobrir o que une do que o que separa. Centros de estudos vários alimentam a investigação, publicam revistas, provocam o encontro humano na zona sólida onde as amizades nascem e se fortificam. Comunidades de oração, como a Abadia de Chevetogne, orientam-se primariamente para a unidade.

Pode dizer-se que desde 1949, data em que a Santa Sé manifestou interesse aberto pelo Movimento, através da Instrução do Santo Ofício "Ecclesia Catholica", se desenvolve na Igreja Católica um movimento pela unidade com uma tal vitalidade e a um tal ritmo que temos de admitir que de longe ele vinha sendo preparado pela própria evolução da vida da Igreja.

Da periferia o encontro desloca-se para o Centro. É antes de mais um encontro humano de irmãos que se sabem e reconhecem tais embora separados. As visitas dos grandes chefes de confissões cristãs ao Papa João XXIII são exemplos tocantes desse reconhecimento. Mas é um encontro alimentado numa certeza que o Santo Padre, por graça do Espírito Santo, tornou oficial na Constituição Apostólica "Humanae salutis", de 25 de Dezembro de 1961 - nela se revela que a Igreja Católica está e deve estar persuadida de que Cristo lhe confiou a salvação de todos os que foram validamente baptizados e que são assim, por via do Baptismo, filhos da Igreja também.

Na ordem institucional, alguns factos são particularmente significativos do desejo do encontro.



- 1) a Igreja Católica passa a enviar observadores dos mais qualificados em questões ecuménicas às Assembleias do Conselho Ecuménico
- 2) a Igreja cria o Secretariado para a união dos cristãos, o único secretariado com carácter permanente erigido no contexto do Concílio
- 3) o Santo Padre convoca o Concílio Ecuménico que, se não é ainda o Concílio da União, é anunciado e preparado em verdadeiro espírito ecuménico, visando a renovação interna da Igreja em ordem à unidade. E, pormenor importante, para este Concílio são convidados observadores das outras confissões cristãs.



5. Dificuldades do diálogo ecuménico na perspectiva da Missão da Igreja

As linhas que acabo de traçar quanto à evolução do movimento para a unidade no seio da Igreja Católica exigem duas observações, uma de carácter doutrinário e outra de ordem prática. Aparantemente o movimento para a unidade e a sua relação com a missão processa-se semelhantemente na Igreja Católica e no mundo protestante. Notemos, porém, que a interpretação dada diverge em alguns pontos fundamentais.

Para o mundo protestante, a unidade aparece no termo da missão, postulada, requerida pelo dinamismo missionário da Igreja. A unidade da Igreja é assim intrinsecamente fenomenológica - não existe : faz-se. E esta posição é possível porque aos seus olhos a Igreja não é anterior ao facto cristão das diversas comunhões - Ela encontra-se presente em todos os grupos, independentemente do conteúdo da sua fé e da natureza (sacramental ou não) da sua estrutura orgânica. Esta posição de base, ao ser examinada no concreto das situações, conduz à afirmação da existência do pecado na Igreja.

São três posições intimamente relacionadas e que a Igreja Católica não pode aceitar. Para nós, católicos, a Igreja não é só um devir, Ela é dada. Numa magnífica conferência o P. Congar, desenvolvendo de forma claríssima a expressão clássica que qualifica a Igreja como comunhão "ante-retro occulata", insiste nesta dupla dimensão da Igreja, sem a qual nada da sua história contemporânea se pode entender. A Igreja é a um tempo perfeita e acabada em si mesma e em estado de procura e de desenvolvimento, é realidade plena e é promessa, é um ser e um devir.

A Igreja é dada aos homens antriormente à sua própria acção. Há nela, por isso, uma perfeição, uma santidade que lhe vem da sua própria natureza - Corpo de Cristo. Há nela uma unidade que é participação da unidade da Santíssima Trindade. Esta unidade está no princípio, no ser mesmo da Igreja postulada pela estrutura de comunhão e não no termo da acção missionária. Se uma exegese deste tipo não fosse sempre arriscada, diria que a frase dominante do espíri-

to ecuménico : "Que todos sejam um a fim de que o mundo creia", situa a dimensão missionária no contexto prévio da unidade. A unidade é na terminologia joanina o sinal, o valor que convida à Fé - portanto a unidade é a realidade que torna possível a evangelização e dá sentido à missão.

A outra observação que devo fazer é de ordem prática mas condiciona fortemente neste momento toda a evolução do movimento para a unidade.

Falei da importância da fusão do Conselho Internacional das Missões e do Conselho Ecuménico das Igrejas e acentuei o aspecto positivo de tal acontecimento. Mas não ignoro - nem ninguém o ignora entre aqueles que na Igreja Católica seguem de perto a evolução do Movimento Ecuménico - a enorme dificuldade que tal fusão vai suscitar na unidade entre protestantes e católicos.

É certo que o Conselho Ecuménico das Igrejas tem manifestado sempre respeito em relação à Igreja Católica, que os seus objectivos se mantêm sempre no domínio religioso e espiritual e o furioso proselitismo anti-romano das seitas norte-americanas não é da sua responsabilidade uma vez que essas seitas não pertencem, antes se opõem, ao Conselho.

Mas nem por isso deixa de ser um facto que existe dentro do Conselho, entre certas Igrejas, um certo complexo anti-romano que se torna particularmente virulento no exercício prático da missão. O perigo existe que, nas condições actuais do Conselho, com maior coordenação e planificação do esforço missionário, essa tendência se acentue e que um dia a Igreja Católica encontre, em zelosa acção missionária, 400 milhões de cristãos anti-romanos.

A evolução do Movimento Ecuménico incluindo protestante vai conduzir a um fortalecimento da acção missionária protestante - como será possível a coexistência com a acção missionária da Igreja Católica ? será possível, psicológica e socialmente possível, o esforço de compreensão mútua que o espírito ecuménico requer ? será possível o equilíbrio espiritual entre uma oposição doutrinal inegável e o respeito actuante e prático de uns pelos outros ?

Como resolver a dificuldade ? Só o Espírito Santo pode realmente fazê-lo. Mas da nossa parte algo é requerido - e com urgência. A angústia da unidade que se tornou a preocupação dominante do Papa João XXIII e com ele de muitos católicos no mundo inteiro não pode ser estranha a nenhum católico. A unidade tem de tornar-se uma intenção viva e vivida. Chegou o momento em que todo o católico tem de saber e sentir que o ecumenismo é uma dimensão necessária da vida da Igreja.

Porque a missão da Igreja implica uma relação ao mundo na situação concreta em que ele se encontra, podemos dizer que a missão tem hoje uma realidade correlativa - a unidade.





6. Exigências postas pela unidade dos cristãos à Igreja Católica na sua dimensão missionária

No nosso mundo latino, o facto ecuménico aparece empobrecido na sua relação vital com a missão. Mas é tempo de deixarmos de o considerar como realidade remota e estranha - a missão põe aos católicos a necessidade premente da atitude ecuménica; um maior entendimento da situação da Igreja (a um tempo perfeita e por fazer) conduz à necessidade de tornar a unidade essencial completada pela unidade "acidental" da reunião de todos os cristãos.

Numerosas são as implicações práticas que daí resultam. Citarei apenas aquelas que me parecem particularmente oportunas:

- 1) Revelar a unidade dogmática da Igreja tal é a tarefa ecuménica dos católicos, reconhecendo que muitos dos dados tradicionais não serão encontrados e aprofundados senão no exercício da missão. A situação ecuménica exige que manifestemos ao mundo a natureza da estrutura de comunhão da Igreja.

Encontramos assim em globo a questão fundamental do ecumenismo : há uma certa estrutura de comunhão que permanece em todas as confissões cristãs. Usando uma formulação feliz, diremos que a Igreja Católica, na sua visibilidade, é constituída pela comunhão das igrejas locais representadas pelos seus Bispos e a eles identificadas, comunhão que tem por centro e por cabeça a Igreja de Roma.

Esta afirmação significa que a Igreja Católica não é unicamente uma comunhão de pensamento e de fé. Ainda que a fé seja condição da comunhão não é a própria comunhão.

É na Eucaristia que a comunhão da Igreja tem a sua origem e a sua expressão.

Revela-se na reciprocidade dos serviços, expressão da Caridade, que tanto anima os carismas como as funções hierárquicas - a comunhão é uma comunhão no amor mútuo.

Estrutura-se no poder mediador dos Bispos, incluindo assim um elemento jurídico, a autoridade do Bispo em união com Pedro e o colégio apostólico.

O próximo Concílio Ecuménico, aliás na linha da tradição de todos os concílios, é expressão desta comunhão, daquilo que é próprio à Igreja Católica. Na sua realização, como manifestação da comunhão visível da Igreja, o Concílio é já em si uma resposta da Igreja Católica ao diálogo que o Movimento Ecuménico suscita.

- 2) A segunda exigência é a de abertura espiritual às necessidades reais das diferentes partes do mundo, nas condições concretas em que elas se nos revelam.

A tomada de consciência duma Igreja de diáspora, minoria isolada num contexto pagão, não pode deixar de conduzir a uma preocupação mais viva pelo mundo em todas as suas expressões, a uma actualização renovada da missão da Igreja.



3) Esta tomada de consciência levará a dar à missão uma base verdadeiramente mundial, cada Igreja local carregando em si a totalidade da Igreja e da responsabilidade da sua missão, a totalidade da Igreja empenhada em cada Igreja local.

Porque a Igreja é uma comunhão (e comunhão dinâmica), "a missão não tem sentido senão como expressão duma comunidade mundial, dando ao mundo não uma soma de testemunhos individuais mas o testemunho da unidade duma comunhão (Esta afirmação é fértil de conclusões de ordem prática).

- Uma é a estrutura humana da missão da Igreja : a evangelização é obra da comunhão dos santos, não de indivíduos isolados

- Outra é a organização hierárquica em função da missão : a experiência da organização dos Bispos da América do Sul parece abrir caminho a uma tomada de consciência da missão em base mais ampla do que tradicionalmente era costume. O Ab. Houtard, grande conhecedor dos problemas da América Latina e da acção do CELAM, é um defensor da ideia que parece ganhar terreno.

4) Outra exigência prática é a de abertura à acção do Conselho Ecuménico das Igrejas. A Igreja Católica não está isolada e a sua procura de unidade como a realização da sua missão serão teórica e praticamente determinadas em parte pela evolução do CEE. Donde a necessidade de informação não só para meia dúzia de especialistas mas para todos nós, católicos duma Igreja em estado de Concílio.

5) Tal abertura não pode realizar-se em verdade sem um conhecimento cada vez mais aprofundado do próprio Mistério da Igreja. Esse aprofundamento há-de encontrar-se na tradição paulina e joanina, no regresso às fontes. Revelar-se-a'então ao coração dos homens o Mistério da Esposa de Cristo, continuadora da Missão Redentora do servo de Yahvé, posta no mundo não para o poder mas para o amor, em diálogo permanente com o mundo, enfrentando, sem arrogância nem agressividade, mas na humildade da verdade, o mundo actual.

6) E finalmente a unidade dos cristãos põe à missão católica a exigência da manifestação da Igreja na ordem própria da verdade evangélica.

A realidade em causa, a obra a realizar, pertence ao domínio dos valores eminentemente espirituais. Por isso o problema, de institucional passa a ser problema de vida de cada um de nós.

Numa atitude contemplativa, rezando, e, como o pediu o Cardeal Bea citando o próprio texto de Nova Delhi, "Fazendo apelo ao coração e à consciência de todas as Igrejas para que compreendam a importância da oração constante pelos irmãos separados de todas as regiões do mundo".

Numa atitude de sacrifício (e continuo a citar o Cardeal Bea) de oferta quotidiana dos nossos sofrimentos, penas e contrariedades pela grande intenção da unidade

— numa atitude de caridade preferindo, como diz o Santo Padre, "atenuar o que une os homens e percorrer com cada um a parte do caminho que pode ser feito sem comprometer as exigências da justiça nem os direitos da verdade"

Nesta atitude espiritual, requerida pelo momento histórico da vida da Igreja, encontraremos ao mesmo tempo a unificação interior a que aspiramos e seremos capazes de levar ao mundo a mensagem de unidade por que ele aspira. Estaremos em condições de lhe poder falar da unidade de amor que Cristo veio restabelecer entre o Pai e a humanidade e seremos, ainda que imperfeitamente, testemunhos dessa unidade renovada na antecipação da unidade final na Jerusalém Celeste.

Então, pelo mistério do Amor, terão caído todos os muros de Berlim, e em seu lugar erguer-se-a-a cidade construída em ouro fino e em cristal puro, rodeada por uma muralha construída em jaspes. Então, como nos diz o Apocalipse, a cidade não precisará mais do brilho do sol e da lua, porque ela será iluminada pela glória de Deus e no seu seio o Cordeiro será uma chama viva para que se encaminham todas as nações, todos os homens, levando os seus tesouros, a conversão do seu coração ao Senhor Jesus, na comunhão da unidade.

Fundação Cuidar o Futuro

